

Sarney reage contra o "terrorismo moral"

Afirma que enfrenta com tranquilidade "violências verbais" por respeito à democracia

ROBERTO CUSTÓDIO
Enviado Especial

Jales (SP) — Na mais forte reação de seu governo às investigações da CPI da corrupção, que apura envolvimento de integrantes do Planalto no benefício irregular a empreiteiras, o presidente José Sarney afirmou ontem, em Jales, na região norte do Estado de São Paulo, que enfrentará com tranquilidade todas as injustiças e aceitará "as violências verbais e o terrorismo moral" de que está sendo alvo para demonstrar que respeita o regime democrático.

As queixas do Presidente foram feitas em dois momentos distintos: ao final de um discurso de agradecimento por ter recebido o título de cidadão de Jales, quando abandonou o texto previamente preparado e decidiu deixar a "emoção" tomar conta de si e, depois, durante tumultuada entrevista coletiva.

Neste segundo instante, porém, o Presidente não quis admitir que estava se referindo à CPI da corrupção, afirmando que em nenhum momento pretende comentar as atribuições dos senadores, mas observando que "a cada um de vocês cabe interpretar as minhas palavras".

Para Sarney, o País enfrenta hoje uma extrapolação do que é considerado como crítica ao governo. "E por isso que no momento em que se parte para as violências verbais e o terrorismo moral, se estará trabalhando para a desintegração da sociedade democrática", afirmou.

Os ministros da Habitação, Prisco Viana, e das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, admitiram que a fala do Presidente teve o endereço da CPI da corrupção. "A medida em que se transforma uma investigação parlamentar num instrumento de ação política para atingir o governo, isso pode ser considerado terrorismo moral", disse Prisco. O ministro das Comunicações foi mais comedido: "O Presidente está sofrendo muitas injustiças, mas vamos ajudá-lo a superar isso", observou.

No seu momento emocional, ao discursar para cerca de mil pessoas que lotavam o colégio estadual Euphy Jales, no centro do município — entre os quais sete ministros, oito deputa-

dos federais, do PMDB, PFL e PTB, e dezenas de Prefeitos da região — o Presidente defendeu o regime democrático como um estado de espírito, mais do que um sistema de governo. "É um sistema onde o respeito mútuo só existe quando o povo sabe que o direito de cada um termina quando começa a liberdade do outro", destacou, acrescentando que a democracia significa periodicidade de mandatos, rotatividade no poder e capacidade de assimilação de críticas.

Sarney pediu também uma reflexão sobre o atual momento institucional brasileiro para se perceber que todos somos governantes e governados ao mesmo tempo e que "não é o presidente que faz a nação, mas a nação que faz o presidente". Mas suas reflexões, segundo acrescentou, se tem perguntado por que foi chamado para ser o presidente da República.

— Vim de tão longe para dirigir o País, no momento talvez o mais difícil de sua história, porque era necessário um homem que tivesse a capacidade de não perder a paciência e ter a tranquilidade para aceitar todas as injustiças, a violência verbal e o terrorismo moral. Esse é o sacrifício exigido de mim para que se aprenda que o exercício da democracia não é isso o que fazem, mas o regime de respeito e da liberdade de cada um, respeitando a liberdade de todos os outros — assinalou.

O Presidente não dispensou também as críticas aos políticos independentes do PMDB, em debandada do partido por causa da aprovação quase certa de mandato de cinco anos para o seu governo. "Há muitos neste País que colocam a máscara de democratas mas têm dentro de si o

espírito do autoritarismo, do absolutismo dos que através da violência querem forçar decisões e evitar as manifestações de liberdade dos outros e matar a própria liberdade", afirmou. Para ele, é possível se conviver com divergências ideológicas de que qualquer natureza, desde que haja respeito pela liberdade de posições de cada indivíduo.

Mais tarde, já na entrevista, o Presidente admitiu dificuldades para governar o País neste momento, relacionando-as à transição democrática, "sobretudo no momento em que a Constituinte cria novas instituições, faz novas leis, num trabalho de engenharia política que é muito complexo".

NEGOCIAÇÕES

Apesar de o Presidente ter afirmado que suas declarações se deveram mais à emoção do momento da homenagem e à situação do País segundo se apurou em Jales, no percurso entre a usina de Agua Vermelha, onde pousou o Boeing presidencial, e a cidade de Jales, Sarney conversou longamente com o governador Orestes Quêrcia sobre as negociações que estão sendo feitas por iniciativa de São Paulo na tentativa de unidade do PMDB ao mesmo tempo em que, junto com outros governadores de Estado, empresários e sindicalistas, discute-se um plano de emergência para dar sustentação ao Governo Federal.

Quêrcia fez um relato sobre suas últimas conversas com governadores, explicando inclusive a posição do governador baiano Waldir Pires, que defende um rompimento formal com o governo, e a respeito das reuniões que manteria ain-

da ontem com os governadores de Mato Grosso, Carlos Bezerra; de Minas Gerais, Newton Cardoso; e de Goiás, Henrique Santillo.

Apurou-se também que, preocupado com um eventual clima de emoção do Presidente, em função da homenagem, o governador decidiu no seu discurso — antes de Sarney — fazer um apelo à razão. "É preciso saber sair da emoção das épocas eleitorais para a razão da época de governar, enfrentando as dificuldades", disse Quêrcia, sublinhando acreditar que o Brasil nunca como agora precisou tanto de razão. Numa referência aos que dizem estar deixando o PMDB, por divergirem do posicionamento do Presidente, Quêrcia pediu maior prestígio aos partidos, "que são importantes", mas lembrou que mais importante neste momento é o combate à inflação e às dificuldades da Nação. "Para isso é que em São Paulo estão se articulando importantes segmentos para dar apoio aos planos do Presidente", disse.

SEGURANÇA

Durante sua permanência de quatro horas em Jales, o presidente José Sarney foi cercado por um forte esquema de segurança, que envolveu um pelotão do 37º Batalhão de Infantaria Motorizada do Exército, sediado em Lins, responsável por uma série de atritos com a população que desejava se aproximar da comitiva oficial. O Presidente não sofreu hostilização em momento nenhum, mas foi alvo de vaias de um grupo de 15 pessoas que se postavam próximas ao ônibus da comitiva, à saída do colégio Euphy Jales, onde recebeu a homenagem. A segurança esteve mais forte, entretanto, na visita à 19ª Feira Agrícola, Comercial e Pecuária de Jales.

O Presidente se comprometeu, na sua viagem ao município, trabalhar junto com os governos de Mato Grosso e de São Paulo para a construção de uma ponte radoferroviária ligando os dois estados, cuja finalidade é encurtar o percurso de escoamento da produção agrícola da região. O custo do transporte de grãos, por exemplo, atualmente é encarecido com o acréscimo de quilometragem entre Mato Grosso e os portos de Santos e Paranaguá.



Entre Quêrcia e Antônio Carlos, Sarney é aplaudido ao discursar em Jales

O DESABAFO DE SARNEY

"A democracia é um regime político, mas é, sobretudo, um estado de espírito, um desejo de convivência, um respeito mútuo. A democracia só existe quando um povo é capaz de saber que o direito de cada um, a liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro. A democracia é a periodicidade dos mandatos, é a rotatividade dos partidos no poder, é a capacidade de assimilar críticas, do governo aceitar sem ser questionado. Não só o governo como todos nós sabemos que o progresso começa dentro de cada um e que todos nós somos governantes e somos governados. Se pensarmos fazendo uma reflexão sobre cada um de nós, nós vamos verificar que da soma de todos é que constitui o governo. Não é o presidente que faz a nação, é a nação que faz o presidente.

E eu às vezes em momento de reflexão me pergunto por que Deus me trouxe de tão longe para que eu encontrasse tantas dificuldades e tan-

tas esperanças ao mesmo tempo. E encontrei uma resposta dentro de mim mesmo que tem me dado forças para dirigir o País no momento talvez mais difícil da sua história.

E que o Brasil precisava, neste instante, de um homem que tivesse a capacidade de não perder a paciência, de ter a tranquilidade para aceitar todas as injustiças, aceitar a violência verbal, aceitar o terrorismo moral, sabendo que este é um sacrifício que a nação exige de mim para que se aprenda pelo exercício que a democracia não é isso. Mas, sim, o regime do respeito e da liberdade de cada um, respeitando a liberdade dos outros. Quantos neste país colocando a máscara de democratas têm dentro de si o espírito do autoritarismo e do absolutismo, através, da violência, forçar decisões, evitar a manifestação da liberdade dos outros e matar a liberdade com a própria liberdade".

Verbas ajudam o entendimento

O presidente Sarney eliminou o único obstáculo a um perfeito entendimento com o governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, ao se comprometer, ontem, em sua visita a Jales, a liberar os recursos necessários para que sejam construídas 120 mil residências populares no Estado, segundo informou, ontem, o deputado Roberto Rollemberg, coordenador da bancada paulista.

O presidente da República e Quêrcia mantiveram longa conversação, segundo Rollemberg, concordando ambos em que se faz necessário fortalecer os partidos políticos. "Tanto o Presidente quanto Quêrcia defendem a tese de que, em matéria de mandato, qualquer que seja a decisão da Constituinte, ela terá de ser respeitada", disse o coordenador da bancada federal de São Paulo.

Promessas marcam visita

Jales (SP) — O presidente José Sarney dividiu com o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, e com o governador Orestes Quêrcia a condição de estrela de uma festa eleitoral típica do interior, com promessas de construção de pontes, de obras públicas e de melhoria de serviços telefônicos. Quêrcia e Antônio Carlos também receberam títulos de "cidadão de Jales" e foram alvos de euforia dos prefeitos da própria Jales e de cidades viz-

inhas, além dos deputados federais do PMDB e do PTB que acompanhavam a comitiva presidencial.

O deputado Roberto Rollemberg (PMDB-SP), que tem em Jales sua base eleitoral, prestou uma homenagem especial a Antônio Carlos, um ministro do PFL, em seu discurso de principal líder político da região sob os olhares de ministros do PMDB como Iris Rezende, Almir Pazzianotto e Prisco Viana.